

D. M. **MEDEIROS**
Ex-interno do Instituto Nacional de Estudos,
Membro correspondente da Société de
Psychologie de Paris

54871
101

Methodos em Psychologia

(These de doutoramento)



PARIS

Librairie des Facultés de Médecine

OLLIER-HENRY

Libraire-Éditeur

8, Rue Casimir-Delavigne (Anciennement : 13, Rue de
l'École de Médecine)

1907

A MEU IRMÃO E AMIGO

Medeiros e Albuquerque

DISSERTAÇÃO

Fazer psychologia é cousa quasi tão velha quanto viver

Na historia das sciencias, das artes, das religiões o problema psychologico figura em os documentos mais antigos n'ella que possuimos. Desde que o homem pensa elle quer saber como e porque pensa. As religiões-sciencias primitivas, que enquadravam problemas de ordem physica e moral, que hoje constituem ramos especializados na sciencia moderna-tinham explicações varias para os phenomenos psychicos, uma das suas principaes preocupações. Si se pesquisizar bem o fundo das cousas, si se entrar em estudo comparativo de todas as explicações que tem tido essa famosa psychè, ver-se-á, é pelo menos crença minha, uma tendencia constante á experimentação, ao estudo scientifico, á investigação apurada.

Em sciencia, parece demonstrado, o documento mais antigo que se possúe é um papyrus escripto por um velho scriba no seculo XVI antes de Christo e decifrado, analysado e interpretado por EBERS, donde o nome de *papyrus Ebers*.

E em summa, um grande tratado de medecina, escripto por varios cultivadores dos estudos medicos, que assim compendiavam os seus conhecimentos, divi-

dindo-se entre si a tarefa, á guiza dos nossos tratados modernos.

N'esse documento, no capitulo Coração, escripto por Nes-Sext, estuda-se a distribuição dos vasos sanguineos pelo corpo: 4 nas faces, 4 no nariz, 4 no figado, etc., e ahi se aventa a hypothese de uma explicação dos phenomenos colera, pezar, desgosto, etc., por uma alteração d'essas disposições anatomicas.

E uma explicação anatomica, é um ensaio de localisação.

Esse ensaio reaparece sempre, em qualquer epoca, seja nos trabalhos puramente medicos, seja nos philosophicos, em que a psychologia não mais era que uma theoria da alma, tão metaphysica e transcendental, como a theoria de Deus ou a theoria do Mundo.

ALCMEON, de Crotona (500), cujos trabalhos são magistralmente analysados principalmente por Souay, tem varias explicações para diversos phenomenos psychicos. Foi elle mesmo, segundó Souay, um dos primeiros que, entre os gregos, localisaram no cerebro a percepção das sensações e o pensamento. Estudando o desenvolvimento do embryão, elle crê que é a cabeça que primeiro se desenvolve, por ser a séde da razão.

ALCMEON tem uma theoria da audição, do gosto e do olfacto. Dizendo que as sensações são transmittidas por organs especiaes do ponto de recepção ao cerebro, elle ja estabelece a relação entre os organs do sentido-apparelhos de sensação-e o cerebro-centro de percepção.

Da differença nitida entre sensação e percepção, é elle innegavelmente conhecedor. A sua theoria sobre o olfacto-o cerebro attrahindo os odores por meio de

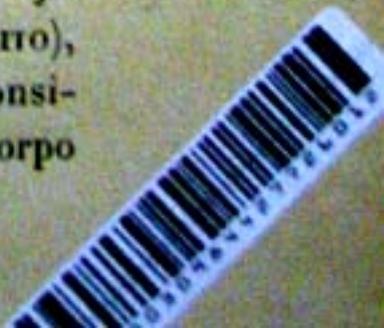
aspirações repetidas, e a sua explicação da visão, dependente de dous elementos-agua e fogo-são *postulata* tão scientificos para a sua epoca, como hoje para nos a transmissão da luz pelo ether, ou das ondas hertzianas como meio de transmissão no telegrapho sem fio.

Vê-se, pois que já n'essa epoca se estudam phenomenos, cuja complexidade ainda hoje nos assoberba, procura-se explicação razoavel para elles, tentam-se localisações.

A tendencia é, portanto, constante ao estudo scientifico do factos psychologicos.

Toulouse affirma na introducção de seu livro de *Psychologia Experimental*, que todos os systemas philosophicos da Grecia admittiam a alma como uma entidade separada do corpo, alma cuja natureza era estabelecida *a priori*, deduzindo-se *a posteriori* as explicações para as suas manifestações.

Ora, não é isso que se observa na historia da philosophia grega. Muito ao contrario, a dependencia immediata e relação entre corpo e alma, são cousas estabelecidas em quasi todos os sabios desse seculo. As afirmações de que *não se pensa sem imagens*. (ARISTOLELES), *que pensar não é mais que sentir* (ALCMÉON) *que é o sangue que faz o pensamento* (SOCRATES), *que o pensamento está no cerebro, si bem que a alma esteja espalhada em atomos por todo o corpo* (DEMOCRITO), provam bem que em todos esses philosophos se considerava a alma immediatamente dependente do corpo



e se tihado phenomemo psychico uma noção não muito longe da verdade.

A finalidade do mundo, o principio eterno creador dos homems e das cousas, não pertencem a essa epoca philosophica.

São antes trabalho do desenvolvimento de idéas religiosas anteriores e posteriores a essa epoca.

Certo, eu não quero dizer que contemporaneamente a essa phase de sciencia, não se tivessem explicações immateriaes, fundamento de quasi todas as religiões existentes no mundo. O que eu quero dizer é que, a par d'essas transcendencias, havia sempre os que na terra ficavam e terrenamente interpretavam a origem das cousas.

Negar isso seria ignorar um pouco a historia do mundo, a historia das religiões, a evolução emfim das idéas de todos os povos cultos e incultos, civilisados ou não.

Mas na Grecia, houve sempre um lado scientifico, sempre alguém que se affastava da norma geral e tendia à investigação.

De theorias e philosophias que ainda hoje encontram muitos sectarios houve por essa epoca um rapido esboço.

E' ate facto notado em sciencia (PREYER) como um exemplo curiosissimo de Vieux-neuf, de velha doutrina que apparece mais tarde como nova, ou de nova doutrina com precursores extremamente velhos, a theoria de DARWIN sobre a descendencia do homem e a philosophia de ANAXIMANDRO, datando de cerca de 600 annos antes da era CHRISTA, que explica o apparecimento da vida na terra como uma producção expon-

tanea da lama inicial—resultado do dessecamento e evaporação das aguas primordiales absorvidas pelo Sol.

Da lama nasceram os primeiros animaes—peixes e reptis.

O homem foi ao principio um animal, egual aos outros, peixe portanto, que, se adaptando ao meio, foi evoluindo, até chegar á forma actual.

Essa cosmogonia de ANAXIMANDRO é em summa, um fac-similé da theoria de DARWIN.

Si pois, a idéa dualista de alma e corpo existio entre os Gregos, ella não foi absorvente e unica, e outras philosophias perfeitamente unicistas floresciaam triumphantes.

Resta, porem, a celebre theoria de metempsychose, attribuida á PYTHAGORAS, e que tem soffrido por parte dos historiadores uma serie de contestações valorosas. Em materia de historia, sobretudo quando se remonta a epochas tão altas, tudo é duvidoso e incerto.

Que PYTHAGORAS tenha crido, pois, que a alma se deslocava do corpo no momento da morte e podesse ir animar um ser vivo, qualquer, pouco importando a especie, é hoje interpretado por grande parte de historiadores como uma explicação da intelligencia em todos os seres vivos e até mesmo como uma contestação á theoria que denominava *intelligencia* ás manifestações psychicas do homem e *instincto* ás dos outros animaes.

Elle, por essa comparação figurada, egualava tudo, nivelava tudo e dizia que tudo era intelligencia—alma, segundo sua expressão.

Si essa interpretação historica *non è vera. è bene trovata.*

HOMERO falla em almas que erram na morada de HADES, mas as prende ao corpo de tal forma que reputa mortaes os ferimentos das temporas, porque por elle se pôde escapar a alma, principio da vida. (*ψυχή*).

E mesmo em HOMERO se vêm para os sentimentos affectivos localisações nas regiões precordiaes, no diaphragma, etc.

E' sobretudo nas religiões, nas mythologias, que a alma toma um character de principio immaterial independente do corpo, mas regendo-o, dirigendo-o em todos os seus actos.

A alma é a intelligencia, é a consciencia, é a vontade, é o pensamento, é a memoria, é a vida em summa.

E' esse principio divino e impalpavel, obtido a Venus por Cyprioto, o esculptor, e que desce á terra e que vem animar a Forma, talhada no marmore.

E' a borboleta gracil (*ψυχή*) que abandona o corpo e voltija pelo espaço.

E' o sopro de JANOVAU ao homem feito no barro, á sua propria imagem.

E' o Ka dos Egypcios, duplo vaporoso do homem, de igual imagem, de igual aspecto.

A idéa de alma veio sempre como resultado immediato da comparação do cadaver ao corpo vivo. Si a forma era a mesma, si alli estava do homem, ha pouco vivo, tudo quanto o constituiria, alguma cousa devia tel-o abandonado, e essa alguma cousa era o que o fazia fallar, emittindo idéas, productos de sua intelligencia, resultados de suas sensações, da memoria d'essas sensações.

Era essa alguma coisa que o fazia sentir, mover-se, viver. E era isso a alma, o eterno problema que aos investigadores de todos os tempos tem preocupado.

Para os animistas alma, seja principio de vida, proprio a todos os seres vivos, seja principio director do corpo para um fim destinado (STAHL), seja um principio voluntario e reflectido actuando sobre os actos do pensamento e sobre os phenomenos physiologicos inconscientes. (CHAUFFARD).

Para os vitalistas, principio vital, agente real da vida modificando e dirigindo a seu grado os agentes physicos e chimicos (vitalismo antigo) uma idéa de direcção, plano geral de vida, respeitado a todos os momentos (néo-vitalismo) : uma das cinco propriedades capitaes especiaes ao systema nervoso, com séde no assoalho do \downarrow ventriculo por isso denominado nó vital. (FLOURENS).

Para os materialistas, simples manifestação de vida na materia.

O estudo da psychologia não podia no emtanto dar o menor resultado pratico sem uma orientação que se desembaraçasse um pouco do theorema philosophico da natureza da alma e encarasse apenas as suas manifestações.

Em todas essas doutrinas firmava-se antes de mais nadu uma theoria da alma, fechada a qualquer modificação, e assim se interpretavam os phenomenos psychicos, prendendo-os sempre á theoria preestabelecida sacrificando, pois, o seu estudo. Si a alma é uma coisa independente do corpo, não se pode n'este procurar a causa de suas manifestações. E os animistas

se deixavam levar, pois, por este preconceito, indo estudar a psychologia em divagações, em phantasias metaphysicas, extranaturaes, extrascientificas.

Crendo n'um plano de vida estabelecido préviamente e ahí indo procurar explicação aos phenomenos psychicos, os vitalistas antigos se afastavam igualmente do rigor scientifico.

Não vendo em todas as manifestações vitaes, mais que um movimento da materia viva, um phenomeno mecanico, uma questão de força e materia, não podiam certamente os materialistas deixar de se embalar nas explicações simples e faceis a tudo quanto a psychologia lhes punha ante os olhos.

Ainda hoje nós nos encontramos a cada passo com essa tendencia ao menor esforço.

As anemias ou hyperemias produzindo por si só phenomenos de depressão e excitação, são ainda um vestigio dessas explicações materiaes.

O Somno, que tantas e tantas explicações tem encontrado, teve na theoria histologica de DUVAL uma explanação tão simples, tão material, que ainda hoje vemos alguns autores lamentando o derrocamento de uma tão bella theoria. E aqui no Brazil, pelo menos, ha partidarios enraigados dessa theoria e, muito recentemente, um livro de distincto medico, infatigavel estudioso, adoptava francamente um dos maiores alargamentos d'essa theoria de DUVAL, a de LEPTIG sobre as paralyrias e anesthesias hystericas, resultando de neuronios que se entrelaçam, neuronios que se isolam.

O mal d'estas interpretações era se basearem tão sómente sobre divagações theoricas, tiradas d'um conceito préviamente posto.

Como pois se passou da theoria ao facto ? Qual foi a evolução da psychologia para chegar á sua posição hoje perfeitamente determinada nas sciencias biologicas ?

E'o que procuraremos seguir rapidamente.

Depois de abandonadas as classicas philosophias sobre a alma, houve naturalmente, de par com a evolução das outras sciencias, a epoca da observação. Observar os homens, observar os animaes, observar os vegetaes — observar tudo enfim que constitue a parte viva da natureza, não chegando a exageros de procurar o mesmo phenomeno em tudo, mas simplificando, reduzindo aos seus limites mais infimos o facto *vida*.

Duas foram as phases desta nova maneira [de estudar.

A principio formavam-se as theorias, constituidas sobre alguns dados verdadeiramente scientificos, mas eivados a par d'isso d'um grande contingente de probabilidades.

Postas as theorias, pesquisavam-se então os factos não, como primitivamente, dependendo-os e accorrendo-os desde logo á theorias estabelecidas, mas procurando approximal-os a ellas, embora forçando a sua interpretação nos mais variados sentidos.

E preciso que se perceba bem a differença dos dous methodos. Num estabelecia-se a doutrina e por ella se explicavam todos os phenomenos para subordinar-os á doutrina.

O estudo do facto, a observação de phenomeno era já um passo para o methodo scientifico. Portanto veio a segunda phase hoje dominante, e que é a unica realmente scientifica. Estudavam-se os factos e, comparando-os entre si, reunindo-os em systemas formulavam-se as leis, dispunha-se a doutrina.

Foi assim que se chegou á phase actual da psychologia.

. . .

Pensar é sentir diziam os philosophos gregos seja Alcméon, Parmenide, Heraclito, Anaximandro e tantos outros.

Pensar é sentir, dizemos nós hoje. E não ha, de facto, asserção mais concorde a todos os conhecimentos modernos de psychologia do que essa.

O processo mais complicado de ideação pode ser reduzido a uma simples questão de sensibilidade.

Uma sensação percebida e associada é ponto de partido de todo o pensamento. Repetidas as sensações, complicadas e associadas entre si armazenadas e evocadas-aí temos a expressão de todo o psychismo.

Supponhamos, para dar um exemplo claro, logico e penetrante, que as letras do alphabeto representam, cada uma, uma sensação. Grupem-se as letras do alphabeto, que são limitadas a um numero relativamente pequeno-e temos a palavra. Reunam-se, combinem-se permutem-se as palavras, e temos a immensa riqueza d'um vocabulario, exprimindo as cousas mais variadas, sempre com as mesmas letras, apenas dispostas e associadas de uma outra maneira.

Assim pensar é sentir.

Uma serie de sensações primitivas, que se grupam, que se articulam, que se combinam, que se permutam, formam o infinito do pensamento, constituem o intrincado aparelho psychico.

Si pensar é sentir, precisamos estudar as sensações nos seus menores limites, para chegarmos a comprehender o pensamento.

. . .

Pois que os naturalistas determinaram que o homem é o cume d'uma extensa serie animal, pois que nós procuramos n'elle um phenomeno qualquer—a sensação reduzida a seu minimo, procuremos-a tambem nos animaes da serie, emquanto esse phenomeno for encontrado ; estabeleçamos a sua analogia entre si, e determinemos ao fim em que consiste esse phenomeno.

Passada a serie animal, entremos nos terrenos limitrophes entre animaes e vegetaes, estudemos com attenção os phenomenos de vida dos protozoarios, comprehendamos n'esse estudo esse curioso reino neutro dos protobios (PIZARRO) ou reino dos protistas (HAECKEL) levemos a investigação mais adeante, caiamos resolutamente no reino vegetal, estudando certos phenomenos interessantes de tropismo, de sensibilidade e de movimento dos vegetaes ; por fim de deducção em deducção, sempre procurando o facto inicial de vida, de sensibilidade ou simples irritabilidade, terminemos reduzindo o campo de nossas pesquisas ao protoplasma.

« Em summa, desde que se procura remontar ás causas mais afastadas de todo o processo biologico, nas plantas como nos animaes, sempre, por todo a parte se encontra este *processus* reduzivel ás propriedades fundamentaes d'um organismo elementar commum, especie de pedra angular do edificio da vida, o *protoplasma* » (SOUAY).

O protoplasma reúne em si todos os phenomenos primitivos de vida, que depois, complicando-se pela adaptação ao meio, pela lei eterna da evolução, do movimento, chegam ao complexo do factio psychico humano, passando por uma gradação extensa e cheia de nuances imperceptiveis.

O protoplasma não tem em si nenhuma faculdade de iniciativa nas funcções (SERGI), mas reage a um excitante externo, manifestando o phenomeno vida, expressão de um movimento, resultante do eterno conflicto entre a materia viva e o meio.

E assim temos fundada a psychologia physiologica, a psychologia moderna, a psychologia actual e, sem duvida alguma, a psychologia do futuro.

A *Psychia* se devem os estudos apurados e minuciosos das funcções da materia viva.

Foi elle quem determinou a natureza dos phenomenos de sensibilidade, excitação dos tecidos vegetaes, mostrando a sua analogia com os phenomenos identicos dos tecidos animaes.

A planta que torce ao contacto da mão, sente e reage, como o insecto que procura se disfarçar e fugir ás nossas vistas, se enrolando ao egual contacto de nossa mão. Num, como n'outro, ha acção e reacção, ha sensibilidade que desperta um acto o movimento.

acto que significa um conjuneto de cousas tendentes á conservação da especie e que são transmittidas de geração em geração, e que são susceptíveis de gradação, soffrendo a acção de agentes chimicos que laboram á guiza de anesthesicos ou excitantes.

As experiencias de CLAUDE BERNARD, sobretudo com a sensitiva (*mimosa pudica*) sob a acção narcotica do ether, são classicas.

Este é um primeiro passo. Eguat-se e identifica-se a irritabilidade á sensibilidade definindo-a, em summa, como propriedade commum a todos os tecidos e a todos os elementos organicos, de reagir, segundo a sua natureza, aos estimulantes externos. (C. BERNARD).

Digamos de passagem que não é C. BERNARD quem identifica a sensibilidade á irritabilidade. Si bem que as suas experiencias o demonstrem claramente, elle prefere estipular graós de differenciação, dando logar á uma irritabilidade, a uma sensibilidade inconsciente e a uma sensibilidade consciente.

Esta differenciação é abandonavel. C. BERNARD, a baseava sobre as phases de acção do anesthesico e a ordem em que a sensibilidade ia desapparecendo, dizendo que a primeira attingida era a sensibilidade consciente, depois a sensibilidade inconsciente e por ultimo a irritabilidade.

Senas e com elle muitos outros, hoje não acceitam essa conclusão do grande physiologista. O phenomeno essencial é a irritabilidade, os demais graós são resultantes de uma evolução natural, de uma especialização apurada, da uma divisão de trabalho.

Foi seguindo e acompanhando esses phenomenos de sensibilidade, que se chegou á determinação exacta do facto psychico.

A manifestação mais rudimentar de vida é indubitavelmente o monerio de Haeckel, o *protogenis primordialis*, encontrado nos mares. É uma especie de globulo mucoso, de um millimetro de diametro com o aspecto de filamentos que envolvem uma massa central. Esses filamentos são dotados de movimentos e servem á nutrição do monerio. Depois, sempre no reino dos protistas, Haeckel colloca os amebas protoplastas, depois os flagellados, os radiolares, etc.

Todos esses organismos teem sensibilidade ao contacto, a agentes chimicos, a agentes physicos (os radiolares são sensiveis á luz-Haeckel).

Elles se servem dos filamentos, os que os têm, ou se dobram sobre si mesmo, ou emittem pseudopodes para prover á sua nutrição. N'elles, porem, a sensibilidade é igual em qualquer de suas particulas ; não ha especialisação. Essa não tem lugar si não em uma phase mais avançada da serie e resultante sempre da adaptação ao meio. É claro que com a repetição das excitações externas a parte externa d'esses organismos crêem uma sensibilidade especial á essas excitações. A parte interna acostumada tão sómente a digerir não pode ter a mesma sensibilidade da parte externa.

D'ahi uma primeira especialisação.

No proprio reino dos protistas, essa especialisação se traduz por uma modificação estructural. Uma estratificação das cellulas se esboça, indo se complicando

cada vez mais, até chegar ás camadas embryogenicas dos animaes superiores. Essa estratificação é a divisão do trabalho, é a differenciação dos tecidos.

A's camadas externas sollicitadas continuamente por excitações externas ficam as funcções de recepção da sensação e de movimento de defeza.

A's internas habituadas á nutrição, as funcções de nutrição, e manutenção da vida. Da funcção nasce o organ, que se adapta a ella. Portanto uma differenciação se deve notar para cada uma das partes, de accordo com o trabalho a exercer. Apparece então um apparelho especial para a sensibilidade e outro para o movimento. KLEINENBERG, estudando os celenterios, descreve o celebre apparelho neuro-muscular da medusa affirmando haver uma ligação entre elles. Esse ponto de ligação é para elles o logar em que se transforma a sensibilidade em movimento.

Evoluindo, sempre e sempre especializando as diversas funcções de protecção, de defeza, de nutrição, de conservação da especie, chega-se ao complexo dos organismo dos metazoarios superiores, dos vertebrados, do homem.

∴

Resta saber como se chegou a estabelecer a sensibilidade consciente, até que ponto ella vae, onde começa, e onde acaba.

No facto psychico a unica differença que ha, a unica coisa que o torna distincto do phenomeno physiologico inicial de irritabilidade, é a consciencia.

TOULOUSE diz : um phenomeno physiologico é um

phenomeno physico-chimico tendo a mais a vida; um phenomeno psychico é um phenomeno physiologico, tendo á mais a consciencia. Quando, porém, é que surge esse adjuvante que transforma em psychico um phenomeno physiologico?

A alga que reage ao agente chimico guarda d'essa excitação uma noção qualquer?

Ha do acto que d'ella resulta algum estado interno?

PREFFER, diz SOURY, pergunta até que ponto, em que medida se devem conceder sentimentos e emoções d'esta natureza ás plantas e aos animaes.

O homem que, marchando por um caminho, encontra de repente um tronco d'arvore, que lhe impede a passagem, contorna-o e passa adiante, pouco mais faz, em summa que o verme que, ao contacto de qualquer cousa que o aggrida, se enrola todo e toma o aspecto de morto. O homem que encontrou um obstaculo, porque muitas vezes elle, ou seus antepassados, encontraram egualmente um obstaculo, e se viram na contingencia de contornal-o para passar—contorna-o e passa.

O verme que se enrola porque muitas vezes elle-(poderemos dizer tambem e os seus antepassados?) encontrou um dedo, ou um corpo qualquer que o fustigou e aggredio, e verificou que se enrolando e parecendo morto era abandonado, enrola-se e finge morto.

No homem nós podemos dizer ha consciencia, ha memoria dos sensações anteriores que determinaram o acto de desviar-se para evitar o tropeço.

Podemos dizer, porque podemos nos observar a nós mesmos e teremos do nosso acto uma explicação satisfactoria. No verme porque não haverá conscien-

cia ? porque não haverá memoria das sensações anteriores que determinaram o acto de enrolar-se e fingir morto ?

Este é um grande problema sempre discutido em psychologia. E mais se discute e mais se pesquisa, mais se verifica a perfeita analogia dos dous actos. Supponhamos que é a primeira vez que a ambos, homem e verme, succeda o encontrar um tropeço e uma aggressão. Ambos agirão d'essa vez como da segunda, terceira, quarta, quinta, etc. Ambos agirão como todos os animaes de suas especies, — homens e vermes-postos em identicas circumstancias. Como explicar essa egualdade de agir em individuos differentes ? Si se der ao homem a consciencia, — a memoria das sensações anteriores percebidas por elle, ou por seus antepassados e que determinaram seu acto, — ver-se-á forçado a concedel-a egualmente ao verme.

Mas desçamos mais. Porque motivo todas as sensitivas (*mimosa-pudica*) agem de egual modo, seja a primeira, seja a millesima vez que a excitação lhe seja produzida.

Do acto do movimento do ameba, que emite pseudopodes em torno a um grão de carmin (experiencia de Ranvier) para envolvel-o e absorvel-o, ao acto humano de levar á bocca um pedaço de carne para mitigar a fome, vae uma linha divergente.

Basicamente, elles têm o mesmo valor. Uma excitação — no ameba o contacto do carmin, no homem a visão do pedaço de carne, — despertou um movimento tendo por fim a mesma cousa, nutrição, conservação propria. Mas no ameba, era um facto simples, uma sensação simples — o contacto, produzindo o phenomeno

simples — expansão de pseudopodes. No homem é um facto complexo, uma sensação complexa — a visão da carne, o cheiro, a sensação interna de fraqueza, de fome, que determina um acto complexo — movimento do braço, apprehensão da carne, etc.

No ameba é uma cellula que funciona, no homem são milhares de cellulas que reagem.

Com a differenciação dos tecidos, com a adaptação constante ao meio, com a evolução dos animaes e divisão do trabalho, a especialisação se foi operando cada vez mais minuciosa, mais detalhada.

No ameba tudo se produzia n'uma só cellula, acção e reacção, sensação e movimento. No homem as cellulas de sensação se differenciaram das de movimento e na sensação houve especialisações houve divisões — umas cellulas transmittindo e recebendo melhor certas impressões que outras e — a forma acompanhando sempre a função — differenças estructuraes acompanharam as especialisações funcçionaes.

Si houve uma evolução, si houve uma modificação, nada mais natural que comprehender que mesmo isoladamente tomado o facto d'uma excitação do ameba — e a do homem, neste o phenomeno tenha chegado a uma minucia maior que n'aquelle. Aquelle tinha por si só de supprir a todas as funcções, de responder a todas as excitações ; o seu modo de reagir devia ser, pois, muito inferior aos d'este, que tem para cada sensação cellulas especiaes, que só transmittem essa sensações.

Do mesmo modo que n'uma repartição administrativa o serviço dividido entre muitos empregados, especializados cada qual em sua secção, será muito mais minucioso que o exercido cumulativamente por um só homem.

Em que redundam essa especialização? No phenomeno consciencia, no facto de poder haver de uma sensação e consequente reacção um estado interno, capaz de ser despertado posteriormente por associações de outras sensações. E a consciencia, é a memoria das sensações. Sem chegar aos exageros de uma escola que attribue a sensibilidade igualmente consciente, á toda a Natureza- viva e morta; sem mesmo crer que, por ser o phenomeno de vida o mesmo em qualquer ser, lhe attribua uma sensibilidade igualmente consciente, eu acho que a consciencia é susceptivel de gradação, e tudo que a constitue já existe, embora em estado rudimentarissimo, nas manifestações vitales da ameba. A pouco e pouco ella se va tornando maior, mais accentuada, até chegar ao facto psychico humano. Maior é a especialização das sensações mais facil é a sensibilidade consciente; não sendo uma quantidade ou uma qualidade á mais ao facto da sensação e respectiva reacção, não sendo uma propriedade extra celular fóra do phenomeno vital inicial, mas sim uma especialização, um desenvolvimento, uma evolução d'esse facto.

LAPLACE em seu estudo sobre as probabilidades diz que, comquanto não se possa estender a animaes e plantas a faculdade de Sentir, *nada nos autoriza a negal-a.*

HAECKEL e FOREL ensinam e mostram em seres desprovidos de organo centralizador das sensações, como o cerebro dos animaes superiores, paixões, sentimentos, e pensamentos que acompanham no homem certos estados de representação mental .

Foi esta a evolução historica da psychologia. Assim, foi que se chegou á classificação actual dos phenomenos psychicos.

Estabelecendo bem a natureza do phenomeno psychico *conscienté* e tomando-o como ponto de partida, é que se poude bem estudar e observar as operações psychologicas, que delle são decorrencia.

Toulouse define a psychologia como a sciencia dos factos de consciencia.

Mas logo que começamos a definir o facto de consciencia encontramos gradações que convem firmar. Ha uma excitação d'um nervo qualquer peripherico. Essa excitação é transmittida ao systema nervoso central, onde se transforma n'um movimento qualquer de reacção. E'um facto physiologico.

A isso porém, se juncta conhecimento que o individuo tem d'essa excitação, a noção de que é na mão, ou no pé, que o excitam é a consciencia, é o que transforma o facto physiologico em facto psychico.

Si se quizer definir poder-se-á talvez dizer—o facto de consciencia é o auto-conhecimento d'um facto physiologico.

E os chamados phenomenos inconscientes ? Deixam de ser factos psychicos por não serem conscientes ?

Não, porque elles nunca deixam de ser conscientes. E'uma escola-a qual sobretudo Toulouse e seus discipulos se filiam, que crê indevida a denominação de inconscientes para certa cathegoria de factos, que pela sua repetição e pela facilidade cada vez maior de seu mecanismo se tornam, por assim dizer, automaticos.

Esses factos foram conscientes a principio, até que, pela lei do habito, a consciencia d'elles se foi apagando ficando menos nitida e elles se tornaram sub-conscientes, capazes no emtanto de a qualquer momento, se tornarem perfeitamente conscientes. Para que elles fossem inconscientes era preciso que nada absolutamente d'elles restasse ao individuo, que elles se passassem como totalmente fóra d'elle — o que não é exacto, pois elles se podem transformar em conscientes.

Portanto logo uma gradação se estabelece-consciencia e subconsciencia. Segundo as modalidades desta temos as varias funcções psychicas.

Toutouze, que é a meu ver o mais claro dos que têm escripto a esse respeito, classifica segundo quatro modos: intensidade, affectividade, objectivação e affinidade.

Assim, um estado de consciencia póde ser forte ou fraco, póde se apresentar pela primeira vez e portanto em toda a sua concentração-*atensão* ou póde ser despertado por estados de consciencia accidentaes e auxiliares *lembranças* pela faculdade especial que elles têm de ser conservados *memoria*.

Um estado de consciencia póde ser agradavel ou desagradavel causando prazer ou dór.

Alguns autores (SERGI) dão como origem d'este estado de consciencia uma funcção de protecção e defesa do sêr.

Esses autores estudando algum sêres inferiores affirmam que quando uma acção é nociva ao individuo ella se traduz n'uma sensação dolorosa, assim como inversamente a sensação agradavel de prazer, indica que a acção externa é benefica, excitando a sua vitalidade.

Assim se originariam os phenomenos de dôr e prazer que se iriam complicando até chegar a complexidade que apresentam no homem.

Sem chegar á essa interpretação dos phenomenos de dôr e prazer, pôde se no emtanto garantir que assim como ha uma gradação de intensidade nos estados de consciencia, tambem a ha de affectividade. E' o que diz Toulouse, e o que dizem os psychologos todos.

Outra caracteristica dos estados de consciencia é a tendencia a objectivação. Toda a idéa tende a se transformar em realidade, em acção. Todas as imagens tendem a se exteriorisar.

E' sabido por exemplo que quando se tem idéa d'um movimento, d'um esforço, a imagem muscular d'esse esforço tende a se traduzir em acção.

Quem assiste a uma lucta, tem os musculos contraídos como si fizesse parte d'ella. E' a imagem muscular interna que se objectiva.

Essa tendencia á exteriorisação das imagens, caracteristica de todos os estados de consciencia, é o que Toulouse chama *vontade*, não como o phenomeno complexo *vontade*, elemento da personalidade, mas como um phenomeno elementar inicial donde provirão phenomeno complexo. Si essa objectivação é sensorial ella será a *certeza*.

Por ultimo, ainda como caracter essencial e commum a todos os estados de consciencia, temos a afinidade, isto é, a maior ou menor facilidade de associação. Ha estados de consciencia que com muito mais facilidade despertam e se associamtaes e a taes outros, quea-quaes outros. A esse gráo de associação se chama *afinidade*.

Estes quatro caracteres essenciaes do estado de consciencia constituem a base de todo o *processus psychico* : — intensidade affectividade, objectivação e affinidade.

Uma sensação recebida foi traduzida em movimento, mas d'ella se guardou uma noção (memoria) segundo a sua intensidade. Essa sensação foi agradável ou desagradável, e a imagem do movimento que ella despertava se realizou. Essa sensação será com maior o ou menor facilidade associada a uma outra. Ahi estão os caracteres todos actuando.

Desses caracteres releva notar como mais importantes innegavelmente a memoria e a associação (intensidade e affinidade).

Todos os estados de consciencia deixando sempre um vestigio pelo qual se tornam capazes de ser renovados-lembrança-elles o poderão ser por um simples facto de associação.

E isto constitue a vida psychica memoria e associação de estados de consciencia. Até agora, porém, só encaramos os estados de consciencia na sua expressão mais simples-a sensação simples, a sensação fraccionaria.

Supponhamos, porém que os factos se complicam. Em vez d'uma sensação audivita ou visual, ou tactil, temos agora o complexo, a synthese d'essas sensações. Vemos um objecto-um copo por exemplo, que pegamos e pousamos sobre a meza. Temos ao mesmo tempo sensações visuaes, tactis e auditivas, que se associam entre si formando um conjuncto que nós denominamos *copo*.

O que nós chamavamos percepção para uma sensação simples, chamamos igualmente *percepção* para a sensação *synthetica*.

Assim, ao facto da reunião de todas essas sensações parciaes cujo conjuncto nos dá a noção do copo—chamamos percepção.

E' natural que as propriedades essenciaes que tinham os estados de consciencia simples (imagens), que entram na formação d'essa *synthese* — a percepção do copo—se mantenham e a ella se transmittam. Assim as percepções serão passíveis de intensidade e afinidade.

Por essa afinidade ellas se associarão e se gruparão formando uma *idéa*, ou conceito.

A mesma afinidade que reúne e grupa percepções constituindo idéas ou conceitos, existindo entre todos os outros estados de consciencia, esses estados se grupam tambem por sua vez constituindo o julgamento e o raciocinio.

A *synthese* de conceitos é julgamento, a *synthese* de julgamento é o raciocinio. TOULOUSE diz que na formação do julgamento e do raciocinio entra uma construção especial da intelligencia, e que elles não parecem resultar da simples acção dos objectos externos.

Ora, essa affirmacão, que parece a primeira vista exacta, não é muito real, si se encarar bem seu conteúdo. (Um julgamento, um raciocinio são processos em que entram um factor, a intelligencia). Mas isto não significa que, em ultima analyse, elles não dependam da acção dos objectos exteriores. Todo o processo intellectual d'ahi provém ; si, reunindo sensações temos uma percepção, reunindo percepções temos uma

idéa ou conceito, reunindo conceitos, julgamento, e assim por diante, nós temos enunciado todo o processo da intelligencia. Não ha, a meu ver, um factor extraordinario que entre repentinamente na formação d'um julgamento ou d'um raciocinio-a menos que a propriedade que tem o individuo de fazer rememorar sensações e comparal-as entre si, tenha denominação de intelligencia.

Ha uma sensação (*a*) produzida por um objecto exterior. Essa sensação é conservada. O ponto de partida de sensações posteriores pode ser essa propria sensação (*a*).

Sensações mais ou menos identicas são reunidas, e são capazes de se despertar umas ás outras, seja por um ponto de partida externo, seja interno.

A propriedade que rege esses phenomenos, tornando-os mais rápidos, mais faceis em determinados individuos ou mais lentos e mais difíceis em outros—é a intelligencia.

A intelligencia crêadora não é mais que uma pequena gradação da intelligencia, isto é, uma maior rapidez na associação de sensações percebidas e na percepção de sensações que tenham ponto de partida interno, isto é, sensações conservadas que são capazes de produzir novas sensações embora diversas da inicial (*a*). Um romancista que descreve uma scena supoe um quadro. É uma sensação despertada por outras sensações internas conservadas. Nada que figura n'esse quadro é irreal. Cada grupo de sensações, á parte, elle já o teve

em outros momentos, em outras occasiões. A verdade desta affirmação se acha ainda uma vez confirmada no habito muito commum entre os romancistas de trabalharem com pequenas casas, figuras e bonequinhos que elles movem e collocam nas posições desejadas. Ninguém imagina uma forma que não tenha visto.

Quando se diz um *deus que tenha a forma do homem*, mostra-se a impossibilidade de imaginar um sêr que vive e pensa, como homem, que tem paixões e sentimentos como o homem, sem se lhe junctar immediatamente a sua forma.

As creações geniaes, como o inferno de Dante, são sempre susceptiveis de uma divisão, de uma analyse em que se vae encontrar uma serie de cousas já vistas, já sentidas.

Pode parecer que com esta interpretação se tire ao genio o seu character de propriedade crêadora. Mas tudo é relativo. De facto, o genio quando reúne e combina cousas vistas, sensações percebidas e esparsas, faz um verdadeiro trabalho de criação.

Da maior ou menor facilidade com que essas combinações se fazem, resulta uma gradação para a intelligencia. Mas é sempre uma reunião de sensações.

A musica. O genio musical, o trabalho de composição é menos difficil e menos espantoso que parece.

Ha individuos em que a musica é quasi um sentimento, é quasi uma intuição.

O verdadeiro artista musical pode ignorar uma nota de musica e compor as cousas mais admiraveis.

Quantas vezes nos assobiamos um trecho qualquer de que não temos a minima noção? Dir-se-á que cremos? Não. E muitas vezes a repetição dum trecho

ouvido, em outros tempos, não se sabe bem onde. A esse trecho, despertado por uma sensação interna qualquer, se associam mais outra e outra-e nós nos convencemos de que assobiamos qualquer coisa de nosso, quando não fazemos mais que repetir. Mas a primeira vez? Quem foi o verdadeiro autor desse trecho musical?

Para os individuos em quem a musica è uma arte natural, pode se fazer uma psychologia especial.

Para elles podes-se bem dizer que existe uma verdadeira musica da natureza, que influencia as suas criações. Uma serie de cousas identicas despertam n'esses individuos combinações de sons mais ou menos eguaes.

Ha, de accordo com cada conjuncto de idéas, conjunctos de sons que se lhe adaptam. Um dia claro lembra uma musica de andamento rapido, velóz-musica que se denomina muito correntemente, musica alegre, o que prova bem que á musica se associam sentimentos.

N'esses individuos, que são os artistas intuitivos, as situações dramaticas da vida têm todas uma expressão musical. Por isso n'elles a musica é uma arte intuitiva. O compositor idéa uma scena, toma um sentimento por paradigma e em torno d'isso compõe a sua musica.

Para os mesmos sentimentos as musicas são mais ou menos semelhantes. E no mais, tudo segue uma ordem preestabelecida como que préviamente determinada-o rythmo.

Essa psychologia que é geral para os que chamamos artistas intuitivos, se pode em parte applicar a todos os demais.

Ha musicas que ao se ouvir pela primeira vez, é-se capaz de seguir intimamente, como se de facto já a conhecessemos de ha muito.

Quando pois, Toulouse affirma que ao julgamento e ao raciocinio se juncta um factor, a intelligencia, significa para mim que entra em jogo uma propriedade geral, qualitativa, que influe, ou rege a producção de sensações internas, nascidas de sensações velhas, armazenadas, e soffrendo a influencia occasional de uma serie de causas accidentaes, como meio, logar, novas sensações que cheguem simultaneamente, etc.

∴

Ha outras maneiras de explicar os phenomenos psychicos.

FEIGNERBE et SMITH dividem as operações cerebraes em tres cathegorias bem limitadas, chamadas as *associações interiores*, as *associações exteriores* e as *associações heteroclitas*.

As primeiras comprehendem a concepção das idéas, sua coordenação e subordinação, as relações de causalidade entre si. E' em summa, o que, sem um titulo determinado e englobadamente, nós descrevemos na alinea precedente, como constituindo o processo psychico.

As segundas, as *exteriores*, são as reminiscencias de linguagem, de palavras, de sons, de tempo e de logar.

As ultimas, as *heteroclitas*, são associações, sem razão, sem laço apreciavel reunindo factos sem conexidade real.

Estas tres especies de associações podem, dizem

esses autores, equivaler ás tres qualidades principaes da intelligencia-julgamento, memoria e imaginação.

A primeira parte, isto é, a divisão em tres cathogorias de associações, é perfeitamente admissivel e até mesmo logica e clara, mas a segunda parte, isto é, comparação das tres cathogorias a tres qualidades de intelligencia, é que me parece um tanto confusa. Os autores estabelecem uma hierarchia n'essas tres cathogorias. E' interessante o estudo que elles fizeram da acção do alcool sobre ellas. Por esse estudo a estimulação do alcool não se exerce nunca em beneficio das associações interiores, nem mesmo quando a dose ingerida é fraca.

Essa acção é sobretudo accentuada nas associações exteriores e heteroelitas. As reminiscencias de linguagem de palavras, de sons, de tempo, de logares, etc., são, pois, mais faceis sob a acção do alcool, com prejuizo, porém da razão.

Mehr Worte, aber veniger Inhalt, diz Smith. Esta expressão, como esta classificação dos phenomenos psychicos, isolam e separam em funcção independente, um phenomeno-razão, sobre o qual baseam todo o psychismo.

Mas outros ha, como DROMARD, que o baseam sobre outra faculdade-a attenção.

Quando nós percebemos um objecto, diz este autor, ou quando evocamos simplesmente sua representação mental, produz-se em nós muito naturalmente um avivamento de imagens, mais ou menos numerosas, tendo relações variaveis com esta representação ou esta percepção.

Por exemplo, a idéa do céo desperta a de nuvens, de

chuva, de estrellas, ella desperta alem d'isso a idéa dum vestido ou ainda a dos olhos da mesma cõr. A idéa do vestido nos trará a imagem d'uma pessoa, que, por sua vez lembrará um tal logar, ou tal epocha de nossa vida e assim successivamente.

Eis a perpetua corrente que seguem os nossos pensamentos. Mas esta affluencia de imagens successivas ou simultaneas não facilita ao cerebro seu fim util-que é conhecer e julgar.

O objecto que é o ponto de partida não é, nem explicado, nem esclarecido, por este tumulto de apercepções, que não têm nenhum laço logico. Para que o phenomeno de evocação se possa applicar de um modo util, é preciso que a synthese mental seja mantida em estado de tonus por esta faculdade dominante que se chama a attenção. E' ella que compõe um programma ao chaos de nossas representações e nos permite utilisal-as para o julgamento e conhecimento das cousas. Sem a attenção, o espirito tende naturalmente ao radiamento das associações e á pluralidade dos estados de consciencia.

Nenhuma destas representações occupa o primeiro logar de um modo certo. Cada uma d'ellas é expulsa por outras, que são deslocadas por sua vez. A este polyideismo a attenção tende a substituir um monoideismo relativo.

Graças a ella, uma representação que tem, de um modo constante, o primeiro plano, tende a retomal-o ou a conserval-o. A attenção com effeito, representa um duplo papel : ella mantem no campo da consciencia as associações automaticas, que poderiam vir como intruzas prejudicar as precedentes. Em todos os

estados que são caracterisados pelo affrouxamento da synthese mental, desde que a attenção se dispersa, as representações surgem ao azar, incoordenadas e illimitadas, apparecendo no campo da consciencia sem que a vontade intervenha para as provocar ou inhibir.

Assim, pois, este autor basea sobre a attenção todo o psychismo, d'ella fazendo um liame que coordena e cohesa todos os estados de consciencia.

Esta preponderancia d'uma faculdade, que se torna assim a directora de todo o pensamento, não me parece justificavel. Ella não se basea de resto, si não em uma observação sobre poetas e sonhadores, nos quaes crê o psychologo que a attenção faz falta.

A attenção não passa de uma concentração ou d'um esforço pelo qual as imagens adquirem uma maior intensidade. Diga o psychologo que, quando a attenção falta, as imagens não tem a intensidade bastante para despertar o-Eu.

Mas não quer isso dizer que a ella se dê o papel de cimento psychico que tudo une, tudo architecta, tudo constóre.

Muitas outras explicações e maneiras de interpretar o funcionamento psychico têm surgido em todos os tempos. Mas não é intuito nosso cital-as, nem mesmo as conhecemos todas tantas e tão variadas ellas são. Querendo apenas muito summariamente mostrar a evolução da psychologia desde os tempos gregos até o nossos actuaes, essas citações se tornariam um tanto dispensavei.

Pareceu-me necessario não entrar na questão propriamente dita de methodos em psychologia sem fazer um pouco da historia da psychologia e, sobretudo, sem estabelecer mais ou menos os seus phenomenos essenciaes. Talvez eu me tenha alongado e tornado prolixo, mas n'estas questões de psychologia geral, quando se procura determinar o exacto limite do facto psychico, não ha prolixidade inutil.

E' interessante ver, que sendo esse o ponto de partida naturalmente indicado para essa sciencia, seja sobre elle que mais controversias surjam e que os autores mais confusos se tornem. Tambem não é de admirar. E'na determinação d'este facto que está o traço de união entre a psychologia e as demais sciencias, portanto, toda e qualquer doutrina que se avente ou se determine em torno d'essa questão, se prende naturalmente ás demais sciencias biologicas; d'ahi o natural baralhamento e a habitual confusão, as asserções feitas n'um terreno arrastando consequentemente, n'uma serie de deducções, asserções em muitos outros campos da sciencia. Mas a mim me parece que se tem philosophado de mais sobre o assumpto.

Em psychologia estuda-se por analyse.

Toma-se um pensamento e divide-se, o seu conteudo até os limites mais extremos. E' uma sciencia de minucia por excellencia mas autores ha, a meu vêr que levam este methodo ao impraticavel quasi, reduzindo-o a uma verdadeira demonstração por hypothese, por absurdo.

BISSET, no seu livro « *Ame et Corps* » para mostrar o valor-da sensação e demonstrar que toda a noção,

que nós temos do mundo exterior, é fructo da sensação, elle leva tão longe a serie de conclusões a que chega que até a propria realidade da vida nos entra em duvida e nós perguntamos a nós mesmos, — eu existo ou sou apenas o resultado de minhas sensações?

É o perigo da minucia muito apurada, dos detalhes illimitados.

Os autores italianos, esses então são extraordinarios, não como retalhadores de pensamentos, mas como divagadores philosophicos e amethodicos.

MORSELLI, BARATONO, MARCHESINI, FRATI, etc., que são excellentes psychologos, não têm, no emtanto, um methodo unico e seguro, e perdem-se na discussão de generalidades, dando uma importancia excepcional á escola positivista e sua concepção sobre a psychologia sem no emtanto seguir ou apontar um methodo realmente scientifico. Só Sergi tem uma orientação methodica e uma clareza de exposição inegualavel. Seus trabalhos são cheios d'um espirito de investigação biologica, d'uma observação e comparação constante do ser vivo, servida por uma intelligencia excepcional.

É expressão corrente entre os autores dizerem que a psychologia é mais ao menos comparavel á chimica. Ninguem sabe o que se passa na retorta do chimico, ninguem sabe o que se passa no cerebro. Conhecem-se os effeitos de ambos os factos.

Na chimica houve a intuição verdadeiramente genial de Lavoisier, que creou a theoria atomica. Conhecida

e determinada, a propriedade de afinidade, presente a todos os phenomenos chimicos, sobre ella se basearam as leis, dados e explicações.

A natureza do phenomeno chimico em si, a sua verdadeira significação, ninguem sabe ainda hoje, e no entanto nós conhecemos e préviamente determinamos as propriedades que terá tal corpo, resultante d'uma combinação que se realiza a nossos olhos, mas cuja essencia nós, na ignorancia, substituímos pela hypothese atomica.

Uma tendencia é notada para, conhecendo-se afinidade existente entre os estados de consciencia, se estabelecerem leis, á guiza das leis chimicas, para os phenomenos psychicos complexos.

Pode ser que seja uma conclusão absurda e impraticavel. Eu poreo, tenho uma absoluta confiança na efficacia e no futuro de tal tendencia unica a meu ver que mais se avizinha da norma geral de sciencia, e que será capaz de trazer a psychologia para um campo mais real.

Dir-se-á que nas sciencias biologicas não se podem estipular leis com o rigorismo das sciencias exactas. É facto, ninguem contesta. Mas nem eu mesmo affirmo que se chegue a dizer tal sensação ou tal grupo de sensações é diatomico. é triatomico. Sem ir a esse rigor, poder-se-á dizer: tal sensação, ou tal grupo de sensações tem um valor positivo ou negativo conforme uma serie de condições preestabelcidas.

Sabe-se que tal sensação tem uma determinada afinidade para tal outra. Toda a vez que ellas se vêm em presença uma da outra, agem reciprocamente do mesmo modo soffrendo influencias, como o facto chimico, de individuo de meio de tempo, etc.

Determinada uma relação entre a afinidade d'essa mesma sensação para essa outra e para outras varias, poder-se-á chegar a estabelecer algarismos, que representem essa relação, tal mais ou menos, como na nomenclatura atomica.

Para chegar a isso será preciso um estudo experimental apurado sobre as sensações tomadas isoladamente, ou em synthese, formando percepções, conceitos etc. E'em resumo um methodo.

O estudo de psychologia é muito mais difficil que á primeira vista parece. Dizer este individuo tem perturbações da vontade ou do character, é muito bonito e não é facil, mas determinar o que é a vontade, quaes são os seus limites, quando é que ella é ou deixa de ser normal : ainda menos facil é. Sobretudo esta questão de limites entre normal e anormal é de uma difficuldade quasi insuperavel.

Onde o individuo deixa de ser normal é um ponto indeterminavel dada a variedade de reacção individual. Um individuo *B* ao ter um noticia triste *C* reagirá sempre com a intensidade *D*. N'elle essa intensidade *D* é normal. Mas um outro individuo *E*, ao ter a mesma noticia, reagirá com a intensidade D^2 que n'elle é tambem normal ; *F* reagirá com D^3 , que tambem lhe é normal.

Si a noticia porem é de um valor C^2 , *B* pode reagir com D^2 , *E* com D^3 , *F* com D^4 . Qual d'elles é o normal ?

E ainda restam as mil e uma variantes que vão no, mesmo individuo, da reacção *D* á reacção D^2 , variantes em que influem a disposição individual no momento da noticia, o estado de emotividade, etc.

Outra questão.

toda esta escala só dous pontos são perfeitamente nítidos — os francamente irrazoaveis. Os medianos serão certamente os semi-loucos é claro, mas o ponto limitrophe é difficil, ou mesmo impossivel.

A questão de methodos pode parecer a muitos uma coisa accidental e sem importancia.

Estudando, vê-se, porem, quanto ella é capital.

Nós podemos estabelecer um quadro synoptico mostrando as varias modalidades.

Methodos	}	Introspecção	}	Normal
		Observação		Pathologica
		Sciencias auxiliares		Da serie animal ou comparativa
		Experimentação		Normal
				Pathologica

Analysemos. Estabelecendo estas tres cathogorias principaes de methodos — introspecção, observação e experimentação, nós julgamos reunir todos os methodos empregados. Parecerá talvez uma incoherencia separar a introspecção, que é afinal de contas uma auto-observação, dos methodos de observação. Si essa divisão não se faz na logica, fez-se na pratica.

Houve sempre, em todos os tempos os auto-observadores. Eram geralmente individuos guiados por um espirito philosophico, que reentravam em suas meditações, dobravam-se sobre si mesmo e concluiam, pelo que observavam em si, leis e disposições para os de-

mais Neste genero de investigadores ha ainda a ver duas classes : -os philosophicos, que, em torno de um facto qualquer observado, procuravam tirar conclusões debaixo de um ponto de vista geral, e os psychologos que usavam o seu methodo com regularidade e que d'elle não tiravam senão conclusões psicologicas, sem entrar em divagações biologicas ou de outra qualquer ordem. Esse foi o methodo creado por Aristoto. Os seus inconvenientes e a falsidade de sua concepção saltam aos olhos (1).

Na interpretação dos phenomenos psychicos ha sempre um erro que podemos representar por 1, si o observado é o proprio observador, esse erro será igual a 2.

Ha uma serie de factos em que se exige, hoje, no methodo experimental, perfeitamente scientifico, que o paciente esteja desprevenido — a intensidade de certas sensações, só assim pode ser bem estabelecida. Essa condição basica falta muito naturalmente, aos auto-observadores.

Segue-se bem em si mesmo, uma successão de idéas, um processo ideativo qualquer, mas não se mede uma sensação, nem se podem estabelecer termos que sirvam de comparação; a auto-observação não nos informa do gráo de generalidade dos phenomenos que nós observamos nós mesmos. A' auto-inspecção escapa tambem toda a serie de phenomenos subconscientes, phenomenos que são, no emtanto, do dominio, da psychologia.

(1) *Baer dit* muito bem que : l'observation intérieure, étant donnée les conditions où elle se pratique, n'a jamais pu faire connaître que l'homme adulte, civilisé et blanc, c'est-à-dire qu'elle ne peut pas faire connaître ni les enfants, ni les sauvages ni les races qui ne la pratiquent pas.

Este methodo foi abandonado quasi que por completo, e muito raramente hoje se recorre a elle.

TOUTOUZIE diz : « nos reconheceremos que a sciencia pode receber da introspecção indicações preciosas, principalmente na analyse do phenomeno, mas que ella nada pode basear sobre elle só ; poderá servir a *édtonnements* e, até certo ponto, a verificações, quanto à direcção seguida e quanto aos resultados, mas não pode ser concludente por si mesmo.

Elle cahio com a passagem de psychologia da metaphysica para a sciencia. E era natural. Em quanto ser psychologo era estabelecer uma serie de preceitos sobre as *facultades primordiales da alma*, observar-se a si mesmo era bastante. Mas houve modificação das cousas, houve separação da philosophia e da sciencia, com prejuizo dos methodos seguidos por aquella.

BARATONNO no seu magnifico livro *Psychologia sperimentale* estabelece uma relação muito exacta entre philosophia e sciencia.

« De facto, si o Universo fosse todo conhecido e explicado, não haveria logar para a Philosophia, a menos que se não queira com este nome chamar a systematisação mais ou menos coherente, que todo homem se faz de suas idéas do mundo pela vida pratica não podendo saber tudo rigorosamente.

A Philosophia é um complemento da sciencia, ella surge para substituir, por meio de processos analogos e hypotheticos, os mais seguros da sciencia, quando esta não existe ainda ; ou para ultrapassal-a, quando esta não pode ir mais longe.

Ao contrario, quando no primeiro caso a sciencia se constitui ou evolue, no segundo a Philosophia lhe cede

logo o terreno a desaparece : a sua função é de fazer traço de união entre o saber vulgar e o scientifico, a sua missão é de morrer quando gerou a sciencia, como o insecto morre quando germinou a sua larva.

∴

O methodo de observação foi o methodo de escolha durante largo tempo, e ainda hoje presta innegaveis serviços, entrando tambem como auxiliar do methodo experimental.

Nós a dividimos em observação normal, observação pathologica e observação comparativa.

Na observação normal o investigador toma individuos normaes e observa um certo numero de suas faculdades, comparando depois entre si os resultados obtidos.

Na observação pathologica os observados são individuos psychicamente doentes, são alienados.

E o methodo de escolha dos psycho-pathologos e é o methodo da pratica corrente nos hospitaes de alienados.

Para bem observar um doente procurando n'elle encontrar as modificações psychicas que constituem a sua anormalidade, é necessario ter-se um conhecimento exacto de psychologia normal. Commumente para se obterem esses signaes de molestia psychica usam-se interrogatios que, bem dirigidos, podem dar resultados a lmiraveis.

Ha precauções a tomar. E'sobretudo nas entrelinhas do que o doente diz que se encontram melhores informações a colher.

E' preciso nunca se perguntar directamente o que se quer saber. Não é uma regra sem excepções. Momentos